

## Em torno de uma fábula e sua forma de expressão num texto latino (Horácio) e num texto português (Sá de Miranda)

... tudo seus avessos tem;  
o que não espermentares  
não cuides que o sabes bem ..

Sá de Miranda — écloga *Basto* (1).

Não é que o assunto constitua por si matéria bastante para demoradas análises filológicas ou para largos estudos comparativos, v. g., de civilização ou culturas de épocas diversas e distantes. Uma pequena fábula como a do *rato do campo* e do *rato da cidade* poderá, quanto muito, aformosear a trama narrativa de uma composição literária em que venha a propósito intercalar um episódio de intenção moral, instrutivo ou de simples recreação moralizadora. Esta importância ou cotação lhe atribuíram dois escritores de tão diversos e afastados tempos, ao tratá-la em poemas seus, como foi o latino Horácio nas *Sátiras* (2) e o português Sá de Miranda nas *Cartas* (3).

No entanto, o facto de o distinguirem entre tantos outros contos populares do género revela uma preferência ou gosto especial do temperamento e uma intenção muito particular destes

---

(1) *Obras Completas*, ed. de M. Rodrigues Lapa («Colecção de Clássicos Sá da Costa»), vol. I, pág. 163.

(2) II, 6.

(3) Carta «A Seu Irmão Mem de Sá».

escritores no aproveitamento do sentido moral ou filosófico do apólogo. Ora a leitura mais demorada desta fábuzinha despertou-nos a curiosidade e desejo de aproximar não as variantes ou os aspectos gramaticais ou filológicos, mas as diferenças temperamentais dos escritores e conseqüente divergência de sentir, descrever e criticar a época e a sociedade em que eles viveram, tal como através da narrativa apologal se revela ou insinua.

Em minha opinião, também o assunto desta fábula se apresenta como exemplar modelo da sabedoria do povo, clara apologia do bom senso, e da concepção de moral individual e social, — aviso às inquietadoras conseqüências da vida ambiciosa, fora das normas e regras da acção disciplinadora, e convite a cada um a não ir além do seu estado, do meio social em que nasceu, fonte de todo o desequilíbrio espiritual, colectivo ou particular. Está, pois, dentro das normas do ideal clássico de justa medida, de colaboração harmónica dos sentidos e da inteligência, dos impulsos e da razão. Isto, todavia, não significa que noutros tempos, estranhos ao predomínio dos ideais clássicos, a conceituosa fábula não merecesse atenção. Basta para o confirmar a época medieval (1).

\*

\*       \*

Como tantos outros contos morais e recreativos, este pertence ao património universal e deve assentar em velhíssimas narrativas populares. Seria trabalho penoso e, além disso, inoportuno determo-nos a averiguar-lhe a remota origem ou em que país e nação teria possivelmente o berço. Podia até acontecer que de investigação em investigação lhe fôssemos

---

(1) Em *O Livro de Esopo*, fabulário português do século xv, encontrado na Biblioteca de Viena de Áustria e publicado pelo filólogo Leite de Vasconcelos, insere-se, entre outras, esta fábula, em forma rudimentar de expressão literária.

descobrir o nascimento nas florestas ou planuras indo-gangéticas, ou, mais além da selva indochinesa, nas longínquas e extremas terras de Confúcio e Lao-Tsé. Mas não é este exaustivo trabalho das origens, nem o da caminhada terrestre ou evolução cronológica do conto, o que nos interessa, mas apenas o que atrás assinalámos.

A escolha da espécie zoológica para exemplificação da moralidade já nos chamara a atenção. O tímido roedor que Horácio denomina simplesmente *mus*, especificado pelos adjectivos *rusticus* (1) e *urbanus*, foi e é bastante do agrado de literatos, moralistas e artistas. Para abreviar: as *Fábulas* de Fedro o lembram em vários trechos: na antiga Hélade parece, v. g., em celeberrimo poema parodístico, a *Batracomiomachia* (*Βατραχομυσαχία*); e na actualidade tem feito as delicias de inúmeras sessões cinematográficas por meio da popularidade do *Rato Mickey* (*Mickey Mouse*). Talvez que ele represente melhor que outro animal certa afadigada actividade de pessoas videirinhas, misto de laboriosidade instintiva e de esperteza experiente (2). Nele se reúnem a audácia da luta pela vida e a desconfiança natural perante as variadas maneiras do perigo, dando assim origem a que se tome por representante de um tipo de inteligência que se funda mais nos fortuitos bons êxitos dos seus gestos atrevidos que na bem discriminada visão das circunstâncias e acontecimentos sobrevindos. Por tal forma é que ele tem muitos representantes na espécie humana.

A escritores como Horácio e Sá de Miranda agradava o sentido moral do conto por em ambos haver um traço semelhante de temperamento (se não mais), — a sensata compreensão das realidades; por ambos terem apontado e condenado o inconveniente de ambições desmesuradas e o perigoso desequilíbrio das forças individuais na vida social; e por ambos se manifestarem amigos da *aurea mediocritas*, isto é, da vida regrada.

(1) O *mus silvestris* ou *mus rusticus* é diverso do tipo do rato das casas ou doméstico. Com o *mus rusticus* confunde-se vulgarmente o *sorex* (fr. *souris*).

(2) É proverbial a expressão irónica *esperteza de rato*, para caracterizar certa vivacidade natural que se não deve confundir com inteligência.

Ambos se refugiaram nas suas tranquilas quintas rurais, no bom retiro do campo e da solidão, fuga que seria um caso nítido de misantropia, se não soubéramos quanto o epicurista Horácio e o cristão Miranda apreciavam a conversação dos amigos, fossem gastrónomos ou fossem literatos.

Se o conteúdo moral da fábula os interessou, souberam, todavia, dar tonalidades diversas à atitude psicológica das personagens e variar o fundo ou terceiro plano do quadro em que se desenrola a acção dramática. Era natural que a época e a sociedade em que tais escritores viveram revelassem também a concomitante distância e diferença de teor de vida e de sentido apológico. Assim, enquanto *Ceruius*, o vizinho de Horácio e narrador da fábula, abertamente elogia a indiferença de ânimo perante as riquezas, expondo a fábula dos ratos, e deste modo responde ao insensato elogio da fortuna de um rico local, chamado *Arellius* (1), o português Sá de Miranda não é na acumulação de riquezas que pensa, mas na ascensão aos cargos públicos, às honrarias políticas, a propósito da carreira pública de seu irmão Mem de Sá (2). Por ambos é condenada a mudança de situação — da mediania satisfeita à riqueza inquietante, da modéstia à celebridade desnorteadora — e apontado o perigo da troca de uma situação segura e confiante, que é o viver recatado, pelas incertezas e tonturas dos grandiosos pináculos da opulência e da celebridade. Nisto representam o ideal clássico da justa medida, do bom senso, da conciliação harmónica do sentimento e da razão, e revelam as influências moderadoras da moral estoica.

Mas continuemos a análise da expressão do pensamento nos dois escritores. Da primeira leitura fica-nos a impressão de que o fundo do quadro é nos dois uma descrição a traços largos, genérica, mas bastante elucidativa, do grau de conforto e das exigências de gosto numa habitação ou palácio em duas épocas tão afastadas.

---

(1) *Siquis... laudat Arelli / sollicitas ignarus opes...* Regulamo-nos em todas as citações pela ed. de F. Villeneuve, Paris, «Les Belles-Lettres».

(2) Este irmão de Sá de Miranda tornou-se célebre pela obra realizada na vasta colónia do Brasil, ao tempo Terra de Santa Cruz, de que foi 3.º governador e onde a sua acção foi bastante útil.

O que logo nos impressiona em Horácio, por ser assim no tempo dele, é a vista de um ambiente de riqueza, de opulência e de requinte ornamental da casa de um patrício romano. Dentro dela, opulenta e farta (1), vive o rato cidadão uma vida regalada, não apenas por ter ao seu dispor as sobras de opíparas ceias, migalhas que por si eram já verdadeiros banquetes em segunda mão, mas ainda por se aproveitar, mais ou menos livremente, do luxo, das preciosidades, dos móveis, de tecidos caros, de tapetes, de obras de arte, — recheio de amplos compartimentos em que, a altas horas da madrugada, saltitava a sua bem-aventurada existência. Quando, após aquele encontro fortuito num esconderijo tosco à beira de uns penhascos, o rato do campo é convencido pela argumentação a passar-se à cidade e os dois ratos desembocam no *triclinium*, ainda o vasto salão (*conclauae*) rescende às mil apetitosas iguarias de uma lauta ceia, dada na véspera (2). E esta devia ter findado altas horas e por completo estado de embriaguez dos convivas, pois que ainda pendiam mantos ricos de púrpura em leitos de preciosas madeiras e de ebúrneos embutidos (3) e pelos cantos se empilhavam pratos e açafates (4).

Noutros poemas foi Horácio mais circunstanciado que nesta fábula. Mas os elementos ou bosquejo do quadro bastam para entendermos quanto o epicurista das *Odes* e *Sátiras*, bom gastrónomo à maneira dos romanos da época imperial, está longe da atitude envergonhada, da sóbria temperança que na sua carta moral Sá de Miranda exprime. Três versos chegam para descrever ou desenhar uma habitação urbana ou palácio de fidalgo português da era de Quinhentos:

Entram por paços dourados,  
cheirosos inda da ceia...

e

em finos tapetes jazem.

---

(1) ... *in locuplete domo*...

(2) ... *de magna cena, / ... hesterna*...

(3) ... *rubro ubi cocco / tincta super lectos canderet uestis eburnos*...

(4) ... *fercula* ... / *quae procul extractis inerant* ... *canistris*.

Traços largos, descrição imprecisa, que mal fazemos uma ideia do que seria um rico salão de jantar lisboeta na época do Renascimento. É bastante escassa a alusão a *tapetes* e a objectos e ornamentações *de ouro*, e não chega para termos uma visão aproximada do que seria o fausto, a opulência ou o requinte das casas fidalgas portuguesas no século xvi. Ao carácter austero e à bondosa tristeza do cristão estóico que foi este poeta português, parecia descabido alargar-se em inúteis referências aos elementos materiais de ostentação e vaidade humanas. E, todavia, é ver como o português se demora mais longamente a notar o ambiente campestre, o viver e os aspectos das aldeias portuguesas! Em passo idêntico, o poeta romano despacha-se com três magros vocábulos para conseguir todo o efeito paisagístico (1).

Mais conciso, mais prático, mais burguês, menos sentimental, o poeta latino não caldeara a sua sensibilidade na frágua do amor do próximo e dos humildes, que o cristianismo mais tarde viria despertar nas multidões do Império. É verdade, também, que às vezes em três palavras se pode dizer mais e condensar mais sentido e realidade que em longas tiradas de retórica oca. Não é, porém, o caso presente. O espectáculo de desolação e ermo, de charneca e maninhos, das terras portuguesas é dado por Sá de Miranda com traços carregados. Sente-se a pobreza e o abandono das culturas naquela

...aspereza do deserto,  
.....  
de urzes e tojos coberto,

a tal ponto que ao rato da cidade parece inacreditável que haja quem o suporte. Ora é nesta desoladora pobreza charnequenha, sujeita, ainda por cima, às inclemências e desvarios do clima — então como hoje —, onde é

... tudo tão incerto  
e tão certa só a morte,

---

(1) ... *praerupti nemoris ... dorso*.

que seres humanos determinaram viver, construindo habitações de aspecto primitivo e desconfortável, tão próximas da cubata hotentote ou da palafita pré-histórica:

...casais colmados,  
por sempre do sol torrados...

Tal é o quadro, mísero e triste, de uma aldeia portuguesa do século dos Descobrimentos! E não nos admiremos, que actualmente, em certas regiões do País, a diferença neste teor de vida é quase nula (1).

É bem marcado o contraste. A sensibilidade de Sá de Miranda sentiu-se fortemente abalada pelo viver miserável dos casais e aldeolas serranas, sertanejas ou charnequenas das regiões sáfaras do norte de Portugal. Ao escrever a fábula, deviam estar-lhe na imaginação os povoados que, nas suas jornadas de Lisboa às terras de Basto, iria observando com melancólica piedade. Nas redondezas e cercanias da sua quinta das Duas Igrejas não faltariam também (hoje como ontem) sítios onde colher elementos elucidativos do baixo nível económico das populações rurais. Mas nele a simpatia e interesse pela humanidade sofredora era mais espontânea e evidente que no satisfeito Horácio. Este demandava o refúgio da sua quinta na Sabina, perto de Tibur, para se esquivar às impertinências dos maçadores que o importunavam com pedidos de interdiário eficaz junto de Mecenas ou do imperador Augusto, a cuja intimidade Horácio afortunadamente fora admitido. Fugia de Roma para que o não maçassem! Que lhe importava o sofrimento alheio ou a triste situação dos pobres e desprotegidos, se tal pieguice sentimental de compaixão era destoante do temperamento austero, seco, formalista de um genuíno romano, a quem apenas *devia* interessar a *dura lex*, a grandeza do Império ou a sua glória pessoal?!

---

(1) Leia-se no romance *Volfrâmio*, de Aquilino Ribeiro, a descrição de uma casa aldeoa da Beira setentrional e do teor de vida dos seus moradores.

\*  
\*   \*  
\*

Se do confronto de *exteriores*, isto é, dos aspectos que nos oferece o viver nas aldeias e cidades, a que os dois escritores dão, como se notou, um grau respectivamente inverso de valor e atenção, passarmos ao confronto da mesa, isto é, da qualidade de alimentação, dos gostos e preferências gastronómicas, não faltará onde estabelecer confrontos. Não há dúvida que a despensa ou cozinha do *mus rusticus*, embora pouco abundante e indigna da ementa requintada de um *senhor romano* (e Horácio bem as conhecia!), está provida do essencial para não envergonhar um pequeno lavrador ou rural, cujo lema alimentar fosse o da velha sobriedade romana dos bons tempos da república patricia. Um velho romano como Cincinato podia banquetear-se com a frugal refeição apontada na 6.<sup>a</sup> sátira do livro II e composta de grão de bico ou chícharos (*sepositi ciceris...*), de passas de uvas (*aridum... acinum...*), de trigo ou joio (... *ador loliumque...*) e até do luxo de fragmentos de toucinho meio roídos (... *semessa... lardi frusta*). Ainda assim, o sibarita *mus urbanus* não ficava mal de ceia, nem o lamentado *mus rusticus* se tratava tão indigentemente como poderá concluir-se dos versos de Horácio.

Ora bem mais diminutas eram as possibilidades da despensa na toca do *ratinho da montanha*, segundo Sá de Miranda. *Algum legume, algum pó de farinha*, eis a que se resumia o regime alimentar ou a fartura de um rural nas aldeias portuguesas (1). Penúria, mais que sobriedade, muito embora, por outro lado, sejamos compelidos a notar no português um melhor acolhimento, mais franco desejo de contentar o hóspede ilustre. Com efeito, ali, *detrás o lar, tem a fogueirinha acesa*, o aconchego do lume e da conversação, enquanto se cozem os legumes,

---

(1) Na versão medieval da fábula (v. *O Livro de Esopo*, já citado, págs. 17 e 18), o rato da aldeia dá a comer ao da cidade — *favas, trigo e ervanços*. Por sua vez, o rato da cidade leva aquele a uma cozinha em que havia *galinhas, capões e carne de porco*. Temos assim contraste entre o regime acentuadamente vegetariano da aldeia e o regime acentuadamente carnívoro da cidade.

se prepara a ceia e lá fora o vento gelado da noite sibila pelas frinchas do colmo ou faz ramalhar as copas das árvores.

Ao parçó regime vegetariano de *algum legume, algum pó de farinha*, índice, curioso e triste, do baixo nível económico ou da ruim produtividade nos meios rurais lusitanos, contrapõe-se a relativa mediania do regime (onde nem sequer faltam as gorduras!) que, segundo Horácio, foi pelo *mus rusticus* apresentado ao seu ilustre hóspede e velho amigo. Esclarecedora diferença de hábitos gastronómicos, de posses, de nível de vida!

A cena do encontro inesperado dos velhos amigos *ratos* conduz-nos à reconstituição de um quadro pitoresco e familiar, o das relações de indivíduos de diferente categoria social, tal como o viram estes dois escritores, na Itália de Augusto e no Portugal do Rei Venturoso. Recordado de antigos favores, o *mus rusticus* sente obrigação de ser grato e manifesta-o. Os sentimentos de amizade e gratidão afloraram instantaneamente no afecto e no cérebro do humilde rústico (1). Era, além disso, a hospitalidade um remotíssimo uso, com raízes religiosas, cujo cumprimento se impunha (e ainda hoje se impõe) à maioria das gentes, e das gentes das aldeias e dos campos, e portanto reconhecida como dever sagrado (2). Por isso, tudo o que havia de melhor na toca do rústico é apresentado prestesmente ao mimoso *cidadão*, que, não obstante o grande desejo de agradecer, expresso no procedimento do *mus rusticus*, debica com cerimónia e fastio tão rudes alimentos. Nem a relativa variedade destes, com que se pretende contentar ao altivo *cidadão* (3), consegue desvanecer-lhe o ar enfatiado que se vê assomar no *mus urbanus*, ante a rudeza e inferioridade do ambiente rústico.

Para Sá de Miranda também o *rato cidadão* é de elevada categoria, um grande senhor a quem, mal lhe penetra o sombrio buraco, o rato da montanha acode pressuroso, saudando-o e oferecendo-lhe tudo quanto tinha. Vai mesmo até à extrema

---

(1) ... *ueterem uetus hospes amicum*...

(2) ... *ut... artum / solueret hospitiis animum*.

(3) ... *cupiens uaria fastidia cena / uincere tangentis male singula dente superbo*...

delicadeza de se desculpar de não o poder servir melhor, como era seu desejo (1).

Na concepção de dever de hospitalidade e dedicação, pequena é a diferença nos passos dos dois escritores. Na atitude, porém, de tais *cidadãos* ante a mesa é que se descortina uma sintomática divergência! Logo o romano reflecte altivez, vincando a sua superioridade social, aludindo vagamente aos seus requintados hábitos; o lusitano não deixa de observar que naquela mesa há mais de fome que de gula, mas poupa a vexatórios gestos, trejeitos e francas frases de aborrecimento e desdém o pobre que se esforçou por ser amável e serviçal até ao sacrificio! É mais louvável e cristã a ausência de altivez e crueldade, mais elegante o gesto, mais compreensivo o proceder.

\*

\*            \*

Reconfortado o organismo, por fraca que fosse a refeição, era a altura das expansões cordiais e das confidências amigas. Ei-los que entram a parolar, o *mus urbanus* e o *mus rusticus*. Parolar não é bem o termo, porque o *mus urbanus* é filósofo, tem larga experiência da vida, conhece gentes e terras de que o companheiro aldeão mal suspeita. E, ou por sincero espírito de amizade, ou por desejo de lhe retribuir a mísera ceia com deslumbramentos de farta mesa e mimosos e variados acepipes, na cidade, começa de convencer o infeliz rústico das dificuldades e privações em que fatalmente vivem os habitantes de regiões agrestes e sertanejas, e do que interessa realmente nesta curta vida: — viver agradavelmente e sem preocupações (2). Eis o sentir

---

(1)                    pôs-lhe i tudo quanto tinha,  
pede perdão, por costume.

Diz: — Quem tal adivinhara!  
.....  
tanto revolvera e andara,  
que algũa cousa buscara  
a quem tanto devo e quero.

(2) ... *in rebus iucundis uiue beatus, / uiue memor quam sis aevi breuis.*

de um epicurista de média cultura, colocando a felicidade no prazer, tecendo o elogio da vida gasta em delícias e aconselhando o aproveitamento, sensata e tranquilamente, de todos os momentos de alegria, de bem-estar, que se nos depararem na curta existência.

Depreende-se disto que era fraco no campónio o fundo de resistência moral ou de discernimento, porque, segundo Horácio, breves argumentos bastaram a convencê-lo. A natureza humana sempre assim foi, fácil de tentar e de seduzir com a visão aliciante de agradáveis sensações materiais. O nosso grande Gil Vicente, no seu *Auto da Alma*, desenvolveu o mesmo eterno tema no conflito dramático da carne e do espírito, na figura do *Diabo* e do *Anjo*.

De maneira diferente se passam as coisas segundo a interpretação mirandina. O *rato filósofo*, ou *cidadão*, logo pensou nas desigualdades sociais e individuais :

Que gente há dantre penedos!  
Que vai de Pedro a Rodrigo!  
Bem disse o bom sengo antigo,  
que não são iguais os dedos.

Mas parece ignorar a existência de seres imersos em penúria e que tivessem tão baixo teor de vida. Pressente-se naqueles versos espanto e tristeza, assim como se reconhece seguidamente que a ideia de remediar misérias é o móbil do seu discurso. Todavia, embora aconselhe humanamente a viver sem preocupações, isto é, a levar uma vida *a seu sabor*, tal como é recomendado na sátira horaciana, o rato da cidade, na versão mirandina, é menos optimista quanto ao futuro, dá leves sinais de cepticismo, parece reconhecer as diversidades de temperamentos e de capacidade de adaptação ao meio. É, inconscientemente ou por experiência, mais psicólogo e menos afirmativo, nestes versos :

vai-te comigo onde eu for,  
lá verás que cousa é vida.

Quando as ambas provares,  
.....  
quando te enganado achares,  
aí ficam teus manjares,  
aí tens também o caminho.

Tal sincera e amiga argumentação era de ponderar; e foi após luta interior de hesitações e dúvidas que o arganz se resolveu. Pelo contrário, o *mus rusticus*, mal o amigo rico acabara de fazer o elogio da vida feliz que na cidade os esperava, já se punha a caminho, ardendo em visões ambiciosas (1). É o que se depreende do texto latino.

A luta interior era talvez sinal desaprovativo do inconsciente, talvez um pressentimento. Mas este foi recalçado para o fundo das ideias inoportunas e incomodativas, ante a visão do lado trágico da vida, a inquietante, a amargurada, a extrema pobreza do viver aldeão. Agora ofereciam-se ao pobre serrano sedutoras probabilidades de acabar com a dureza do seu viver, pois, como lá diz o ditado, *quem não se aventurou, não perdeu nem ganhou*. De qualquer modo, a decisão estava tomada. E partem, partem ambos para a aventura que vem a findar na dramática cena do aparecimento inesperado do despenseiro e dos cães (2), nas correrias do salvamento, na iminência da morte sob o pé esmagador do homem ou nas dentuças esface-lantes da canzoada. O rato do campo escapou por um fio; era ignorante dos buracos, dos esconderijos, das tricas, dos estratagemas que só os mais experientes, os sabidos, conhecem. E quando, já salvo, reconsiderou na cara lição, ali jurou que não voltaria a meter-se noutra, nem daria ouvidos a cantos de sereia. Era o arrependimento tardio do acto considerado, e assim convinha à eficiência moral da narrativa.

\*

\*            \*

Recapitulando, porém, verificaremos que o cenário do sumptuoso salão do banquete é que atraiu a complacência descri-

---

(1) *Haec ubi dicta / agrestem pepulere . . .*

(2) Diz Sá de Miranda que *os cães à volta correram*; mas acrescenta: *quis Deus que os gatos não*. Horácio, porém, não se refere a gatos, dizendo apenas: *... domus alta Molossis / personuit canibus*. Parece que, do tempo do poeta latino, o gato ainda não era animal doméstico e que a sua domesticação só depois se conseguiu, embora não totalmente.

tiva de Horácio: as vestes, o mobiliário, isto é, o ambiente de requinte gastronómico à maneira romana em tempos imperiais, bem como a minuciosa indicação dos géneros de alimentos numa cozinha rústica. As demoras e repousos na sua quinta da Sabina davam-lhe ocasião a conhecer os elementos mais freqüentes na alimentação rural.

Sá de Miranda prefere levar-nos aos ermos da fome e das privações que eram as aldeias portuguesas no século dos Descobrimentos e pôr-nos em face do baixo nível económico-social da gente do campo. Não é um nível baixo de vida ou um estado doloroso de penúria, nem é a fome que decide o *mus rusticus* a partir para a cidade: é a ambição de ascender além da sua categoria, de usufruir um ambiente farto de comodidades. E fá-lo sem a pressão de fortes argumentos ou sem um simples balanço de luta interior. Pelo contrário, o *rato aldeão* tem sinais inconscientes, suspeitas dos perigos da mudança, e só se decide custosamente após repressão de indecisões e desconfianças. Por isso nele vemos logo apontar o problema moral; e, se toma decisões, é porque vê a probabilidade de acabar com a miséria de todos os dias naqueles ermos serranos onde só há sofrimento, penúria, penhascos, tojais, sóis ardentes, vida amargurada. Sá de Miranda deu ao quadro negras, sombrias cores da tragédia dos pobres de todos os tempos. Somos compelidos a observar como a indiferença ou leve atenção horaciana às misérias e dores humanas é substituída na versão portuguesa por uma maior simpatia e delicadeza de alma honesta e cristã.

\*

\*            \*

É claro que mais notas diferenciativas podíamos encontrar nos dois textos, mormente de carácter literário. As apontadas, todavia, parecem mais sugestivas e de maior importância cultural.

FIRMINO CRESPO